

O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA

Karine Gomes¹
Rafael Farias Sass²
Leidiani da Silva Reis³

INTRODUÇÃO

A necessidade de compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) aumentou à medida que foi sendo percebido um considerável número de alunos já diagnosticados com autismo (além daqueles que ainda não foram diagnosticados), principalmente após a Pandemia da Covid19, que causou impactos negativos em crianças com TEA no que diz respeito ao comportamento, à saúde mental, à rotina, à interrupção dos atendimentos presenciais e ao contexto familiar e escolar (Almeida *et al.*, 2023). Esse cenário atual tem demandado do profissional da educação conhecimento urgente nessa área para que de fato seja desenvolvido um trabalho didático-pedagógico que garanta um ensino de qualidade, valorizando as especificidades de cada aluno.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo estudar sobre como a ludicidade contribui para o ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, para a inclusão - que envolve o desenvolvimento cognitivo, social e emocional - de crianças com TEA, nos anos iniciais da Educação Infantil. Como objetivos específicos pretende-se: (i) Realizar um levantamento de pesquisas que demonstram como a ludicidade pode ajudar as crianças com TEA a desenvolverem habilidades cognitivas, sociais e emocionais; (ii) Revisar a literatura que trata sobre as principais formas dos docentes utilizarem a ludicidade como mediação de atividades no processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, busca-se responder ao seguinte questionamento: Atividades lúdicas têm, de fato, colaborado para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, assim como para inclusão efetiva dessas crianças com TEA, nos anos iniciais da Educação Infantil?

A hipótese levantada a respeito do tema é de que o lúdico auxilia a criança na motivação da imaginação, desenvolve suas emoções pelo entusiasmo durante as atividades lúdicas e colabora para a sua autonomia, sendo então essencial no processo de ensino e aprendizagem e, também, de inclusão de crianças com TEA

Nesse sentido, a pesquisa aqui proposta se justifica como relevante para a área da educação, contribuindo com os trabalhos científicos desenvolvidos na Universidade Federal da Fronteira Sul, com fornecimento de material teórico-reflexivo para o desenvolvimento de pesquisas futuras e para a produção de conhecimento. Dessa forma, então, é que se retribui à comunidade, em especial, considerando o enfoque da pesquisa voltado ao aluno com TEA, o retorno é direcionado à área da Educação Especial Inclusiva e da Educação Infantil.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia – 8ª Fase/2023.2/2023. Universidade Federal da Fronteira Sul.

² Professor orientador do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: rafael.sass@uffs.edu.br

³ Professora orientadora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: leidiani.reis@uffs.edu.br

1 METODOLOGIA

Para a realização do trabalho, é adotada como metodologia a pesquisa de cunho qualitativo, a partir da perspectiva de revisão bibliográfica, a fim de explanar idéias de autores que frisam sobre a ludicidade no processo de ensino aprendizagem de crianças com TEA e autores que abordam acerca da inclusão desses alunos a partir do lúdico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O Transtorno do Espectro Autista está relacionado ao neurodesenvolvimento e a pessoa diagnosticada com TEA possui muitas dificuldades em se comunicar, apresentando, muitas vezes, a fala repetida, o interesse delimitado e restrito por acontecimentos, objetos, e pessoas, por exemplo. Algumas ações também são repetitivas, além de gestos corporais, como balançar as mãos, movimentar o corpo para frente e para trás, deslocar objetos etc. (Instituto Singular, 2021).

Conforme Mello (2004), o autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. O número de diagnóstico do TEA vem aumentando muito nos últimos tempos, sendo identificado em crianças cada vez mais novas. Nesse sentido, o autor menciona que:

Ultimamente não só vem aumentando o número de diagnósticos, como também estes vêm sendo concluídos em idades cada vez mais precoces, dando a entender que, por trás da beleza que uma criança com autismo pode ter e do fato de o autismo ser um problema de tantas faces, as suas questões fundamentais vêm sendo cada vez reconhecidas com mais facilidade por um número maior de pessoas. Provavelmente é por isto que o autismo passou mundialmente de um fenômeno aparentemente raro para um muito mais comum do que se pensava (Mello, 2004, p. 11).

A criança autista apresenta dificuldade de socialização com as demais pessoas, ela é um ser que se esconde em um universo interior. Várias parecem ser as causas possíveis sobre o autismo, isoladamente ou em combinação, como rubéola ou exposição química na gravidez e outros. Também desequilíbrio bioquímico e predisposição genéticas estão sendo levantados como possíveis causas. Não há comprovação de influências no ambiente psicológico da criança como causadoras do autismo (Szabo, 1999).

Szabo (1999) também traz algumas características do autismo, a saber: não possui medo de perigos reais, não possui contato visual, conduta retraída, age como se não ouvisse, dificuldade de se aproximar de outras crianças, não gosta de mudanças e como reação resiste a elas, coordenação motora fina e grossa desniveladas, hiperatividade marcante ou extrema passividade. No que tange especificamente ao aluno com TEA, é fato que esse aluno tem dificuldades de interação com outras, pois muitas vezes as outras os rejeitam e ignoram devido à dificuldade ao seu modo de ser. Por isso é fundamental uma educação efetivamente inclusiva:

Quando se pensa em termos de inclusão, é comum a idéia de simplesmente colocar uma criança autista em uma escola regular, esperando assim que ela

comece a imitar as crianças normais, e não crianças iguais a ela ou crianças que apresentam quadros mais graves. Podemos dizer, inicialmente, que a criança autista, quando pequena, raramente imita outras crianças, passando a fazer isto apenas após começar a desenvolver a consciência dela mesma, isto é, quando começa a perceber relações de causa e efeito do ambiente em relação a suas próprias ações e vice-versa. (Mello, 2004, p. 22).

Nesse sentido, o professor deve pensar novas estratégias de ensino e aprendizagem para os educando com Transtorno do Espectro Autista, sempre visando a interação entre os alunos, pois os laços afetivos entre as crianças são saudáveis para a formação delas. Assim sendo, trabalhar com o lúdico pode beneficiar esse processo de ensino e aprendizagem, pois a criança sente prazer ao brincar e assim, conseqüentemente, aprende.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O lúdico permite a interação com os outros colegas, permite que a criança exercita o seu raciocínio, a sua coordenação motora, a fala e os gestos. Assim sendo, as práticas metodologias precisam acompanhar essa evolução para que as crianças sintam o desejo de aprender e principalmente aprender com significado, aprender com vontade, aprender para a vida. Porém, para isso ocorrer, segundo Agnol (2023), é de suma importância um planejamento que inclua os jogos e as brincadeiras de forma positiva para a aprendizagem, pois são suportes essenciais para se ter propostas que vão ao encontro de um ensino dinâmico, atrativo e satisfatório para seus alunos, e não aulas com conteúdo prontos que são despejados sem sentido para as crianças.

Existem vários brinquedos que contribuem para que essas crianças possam se aproximar mais da brincadeira, entender as regras e entender que em uma atividade ou jogo ela pode ganhar ou perder, acertar ou errar, existem os dois lados, ela precisa saber lidar com seus sentimentos e controlar os seus medos. Nesse contexto, o desenvolvimento físico juntamente com o motor, podem ser instigados com brincadeiras que envolvam jogos de corrida, de pega-pega e de esconder, por exemplo. “Já para desenvolver a linguagem, as brincadeiras propostas são as que envolvam grupos e adivinhação. As questões sociais podem ser realizadas por brincadeiras que envolvam atividades de faz de conta e práticas de desporto”. (Agnol, 2023, p. 33)

CONCLUSÃO

Com a realização dessa pesquisa, é possível afirmar que o lúdico colabora no processo de ensino e aprendizagem da criança com TEA. Os autistas vivem em constante luta por se adequar aos mais variados métodos de aprendizagem, de certa forma o professor busca entender cada aluno, sabendo que nem todos os autistas são iguais e agem da mesma maneira. É importante tentar sempre incluir esse aluno para que ocorra interação e socialização com os colegas. Assim, ele verá suas conquistas em grupo e também poderá mostrar suas habilidades e formas de brincar ou participar de uma atividade.

De modo geral, a ludicidade proporciona interação com as demais crianças, o que aumenta sua capacidade de aprender e de conviver com os outros alunos. O

lúdico para as crianças com TEA, nos anos iniciais, tem sido essencial, pois o brincar, o jogar, o divertir, o usar a sua imaginação permite que a criança se desenvolva de uma forma mais concreta, sendo então o processo de convivência e inclusão mais eficaz (Kishimoto, 2017). Por esses fatores mencionados, a presente pesquisa é de grande importância para todos os profissionais, professores e pedagogos e, também, para o curso de pedagogia.

REFERÊNCIAS

AGNOL, Ingrid Alana Dall. **Jogos e brincadeiras como prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental**: o que dizem as pesquisas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, RS, 2023.

INSTITUTO SINGULAR. **Características e níveis do autismo**. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo Cortez editora, 2017.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, **Autismo**: guia prático. 2. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo**: um mundo estranho. 2. ed. São Paulo: EDICON, 1999, 58p.